AgEcon SEARCH
RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search
http://ageconsearch.umn.edu
aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*

DINÂMICA E COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES DE FRUTAS DO RIO GRANDE DO NORTE NO PERÍODO DE 1999 A 2005

MARIA ELZA DE ANDRADE; GENIVALDA CORDEIRO DA COSTA; ANA CRISTINA NOGUEIRA MAIA;

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

MOSSORÓ - RN - BRASIL

elzadeandrade@yahoo.com.br

APRESENTAÇÃO ORAL

Comércio Internacional

DINÂMICA E COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES DE FRUTAS DO RIO GRANDE DO NORTE NO PERÍODO DE 1999 a 2005

Grupo de Pesquisa: Comércio Internacional

RESUMO

O Rio Grande do Norte tem sido apontado desde a década de 1990 em vários estudos como um dos principais produtores e exportadores brasileiros de frutas frescas, no entanto, existe uma carência de estudos capazes de responder a questionamentos como: qual o desempenho competitivo do Rio Grande do Norte em relação ao restante do Brasil no mercado de fruticultura? O Estado apresenta vantagem comparativa na exportação de produtos oriundos da fruticultura irrigada? Os produtos que mais exportaram são efetivamente aqueles que temos maiores vantagens comparativas reveladas e são, ao mesmo tempo, produtos com mais elevados índices de contribuição ao saldo comercial. Visando responder a esses questionamentos, este estudo buscou analisar a competitividade das exportações de produtos oriundos da fruticultura irrigada (especificamente, melão, banana, mamão, manga e melancia) do Rio Grande do Norte em relação aos demais Brasil durante o período de 1999-2005. O modelo adotado analisa os Indicadores de Vantagem Comparativa Revelada, *market-share* e Contribuição ao Saldo Comercial, relacionando-os com a taxa de crescimento das exportações de cada um das frutas no Brasil e no Rio Grande do Norte, permitindo a caracterização as situações específicas para cada um dos produtos analisados.Verificou-se que o estado

apresenta vantagem comparativa na exportação de melão, melancia e banana em relação ao Brasil no período em estudo, e que o produto que mais exporta, o melão, é também o que tem maior vantagem comparativa e simultaneamente o que tem maior contribuição ao saldo, seguido da banana. Apesar da melancia ter um elevado *market-share*, sua contribuição ao saldo é reduzida.

Palavras-chave: Competitividade. Exportações. Fruticultura. Vantagem Comparativa, *market-share.*

ABSTRAC

Rio Grande do Norte has been pointed since the decade of 1990 in several studies as one of the producing principal and Brazilian exporters of fresh fruits, however, a lack of studies exists capable to answer the questions as: which the competitive acting of Rio Grande do Norte in relation to the remaining of Brazil in the horticulture market? Does the State present comparative advantage in the export of products originating from of the irrigated horticulture? The products that more they exported they are indeed those that we have larger revealed comparative advantages and they are, at the same time, products with higher contribution indexes to the trade balance. Seeking the to answer those questions, this study looked for to analyze the competitiveness of the exports of products originating from of the irrigated horticulture (specifically, melon, banana, papaya, mango and watermelon) of Rio Grande do Norte in relation to other Brazil during the period of 1999-2005. The adopted model analyzes the Indicators of Revealed Comparative Advantage, market-share and Contribution to the trade Balance, relating them with the rate of growth of the exports of each one of the fruits in Brazil and in Rio Grande do Norte, allowing the characterization the specific situations for each one of the products analyzed. Verified that the state presents comparative advantage in the melon export, watermelon and banana in relation to Brazil in the period in study, and that the product that more it exports, the melon, is also what has larger comparative advantage and simultaneously what has larger contribution to the balance, followed by the banana. In spite of the watermelon to have a high market-share, your contribution to the balance is reduced.

Key words: Competitiveness. Exports. Horticulture. Comparative advantage, market-share.

1. INTRODUÇÃO

A fruticultura irrigada foi introduzida no Rio Grande do Norte no final da década de 70, com a introdução da cultura do melão no município de Mossoró. O Rio Grande do Norte, especialmente a região do Agropólo Assu/Mossoró, destaca-se entre os principais produtores de frutas frescas da região Nordeste e do Brasil, dentre os quais está o Ceará, Pernambuco, Paraíba e Bahia. O estado produz para exportação além do melão, banana, mamão, manga e melancia (COEX, 2007).

Segundo COEX (2007), a agricultura e especialmente o agronegócio da fruticultura irrigada, tem dado contribuição significativa para o desenvolvimento da economia norte-riograndense, através da geração de emprego e renda. Em 2004, foram gerados no estado 28.000 (vinte e oito mil) empregos diretos e 84.000 (oitenta e quatro mil) empregos indiretos, dados que demonstram o potencial dessa atividade para o aproveitamento da mão-de-obra local e regional.

A fruticultura irrigada voltada à exportação está entre as principais atividades econômicas do Estado do Rio Grande do Norte. Desde o início da década de 80, esta atividade vem sendo desenvolvida por empresas agroindustriais localizadas no Pólo de Desenvolvimento Integrado Açu/Mossoró, que compreende os municípios de Mossoró, Açu, Baraúna, Carnaubais, Upanema, Ipanguaçu, Alto do Rodrigues, Afonso Bezerra, Serra do Mel, Pendência e Itajá (BANCO DO NORDESTE, 2000). O Pólo se caracteriza pela produção de frutas irrigadas, predominando o melão e a melancia. Desde o início da década de 90 o melão tem estado entre o primeiro ou terceiro produto da pauta de exportação do Rio Grande do Norte (SECEX/DECEX)[1]. Contribuindo, portanto, de forma significativa para geração de divisas. A nível de Brasil, destaca-se que a fruticultura é um dos segmentos mais importantes da agricultura brasileira, respondendo por 25% do valor da produção agrícola nacional.

O Rio Grande do Norte tem sido apontado desde a década de 1990 em vários estudos como um dos principais produtores e exportadores brasileiros de frutas frescas, no entanto, existe uma carência de estudos capazes de responder a questionamentos como: qual o desempenho competitivo do Rio Grande do Norte em relação ao restante do Brasil no mercado de fruticultura? O Estado apresenta vantagem comparativa na exportação de produtos oriundos da fruticultura irrigada? Os produtos que mais exportaram são efetivamente aqueles que temos maiores vantagens comparativas reveladas (VCR) e são, ao mesmo tempo, produtos com mais elevados índices de contribuição ao saldo comercial (CS)?.

Essas indagações conduziram ao presente estudo. Espera-se que os resultados obtidos proporcionem informações úteis que possibilitem o conhecimento do desempenho dessa atividade tanto em termos estaduais quanto nacionais.

Este estudo tem como objetivo geral verificar a competitividade das exportações de produtos oriundos da fruticultura irrigada, especificamente: melão, banana, mamão, manga e melancia, do Rio Grande do Norte em relação ao Brasil durante o período de 1999-2005. Como objetivos específicos pretende-se:

- Calcular a participação do Rio Grande do Norte no total das exportações brasileiras de cada uma das frutas no decorrer do período em análise;
- Verificar se o Rio Grande do Norte apresenta vantagem comparativa na exportação dessas frutas em relação ao Brasil no período em análise;
- Verificar a Contribuição ao Saldo Comercial de cada uma das frutas acima mencionadas para o Rio Grande do Norte;
- Comparar os indicadores e caracterizar os produtos conforme situações predefinidas

[1] SECEX/DECEX..www.mdic.gov.br. Acesso em 2/03/2007.

O artigo encontra-se dividido em quatro partes: a primeira, apresenta uma breve evolução da teoria do comércio internacional e faz uma discussão sobre os aspectos conceituais referentes aos indicadores de competitividade. A segunda focaliza a metodologia adotada para a realização do trabalho. A terceira apresenta os resultados e as discussões. E a quarta seção apresenta as considerações finais.

2. AS TEORIAS DO COMÉRCIO INTERNACIONAL

2.1. Evolução das teorias do comércio

Os mercantilistas durante os séculos XVI e XVIII, foram os primeiros a elaborar uma teoria visando explicar o comércio internacional. Esses teóricos defendiam que a maneira mais eficaz de uma nação tornar-se rica e poderosa era exportar mais do que importar. Sendo assim, o governo deveria estimular as exportações e restringir as importações. A exportação promovia o fortalecimento da economia, por permitir a aquisição de estoques de metais preciosos e era isso que tornava a nação mais rica e poderosa (SILVA, 2006).

No final do século XVIII, em oposição a visão mercantilista, surge uma nova teoria que defendia o comércio livre entre as nações. Os economistas clássicos Adam Smith e David Ricardo foram os principais representantes dessa proposta. Smith, defendia que cada nação deveria especializar-se na produção de mercadorias com as quais tinha uma vantagem absoluta, ou seja, aquelas que poderia produzir com maior eficiência que as demais nações e importar aquelas em que tinha uma desvantagem absoluta, isto é, que produzia com menor eficiencia (SALVATORE, 1998). Portanto, a explicação para o comércio entre os países estava relacionada às características do processo produtivo interno de cada um deles.

Observa-se que a argumentação dos clássicos basea-se na Teoria do Valor Trabalho, caracterizando o processo produtivo como dependente apenas de um fator de produção: o trabalho, o qual era o único determinante do preço dos produtos, ou seja, quanto mais trabalho utilizado na produção de um bem, maior seria o preço desse bem.

David Ricardo, em seu livro "Princípios de Economia Política e Tributação," afirmou que seria possível haver comércio entre dois países mesmo que um deles tivesse vantagem absoluta na produção de todos os bens, mesmo poderia haver comércio mutuamente vantajoso. Portanto, a nação que não tivesse vantagem absoluta deveria especializar-se na produção e exportação do bem em que possuísse vantagem comparativa. Essa era a condição essencial para efetivação do comércio (SILVA, 2006).

A teoria ricardiana de vantagens comparativas pode ser resumida na seguinte proposição: o comércio bilateral é sempre mais vantajoso que a autarquia para duas economias cujas estruturas de produção não sejam similares. Isto é, se duas economias, produzindo cada uma dois produtos, pra exemplo vinho e tecidos, empregam na produção desses produtos uma quantidade de trabalho LV e LT, no país S, e LV* e LT*, no país N, é necessário e suficiente que $LV/LT \neq LV^*/LT^*$ para que o comércio entre eles seja possível (Gonçalves, 1998).

Para Ricardo os salários W no interior de uma economia seriam sempre iguais. Levando-se em conta que o custo de se produzir uma unidade de vinho no país S seria LV.W

e uma unidade de tecidos seria LT.W, logo os preços relativos no interior dessa economia dependeriam apenas da quantidade de trabalho necessária para produzir cada bem, e não do nível de salário (Gonçalves,1998). Portanto, nesse modelo é necessário que as quantidades relativas de trabalho para produzir vinho e tecidos em cada economia sejam distintas para que o comércio internacional seja vantajoso para ambas.

No século XX surge a Moderna Teoria do Comércio Internacional, tendo como principais representantes Heckscher-Ohlin, a teoria da vantagem comparativa também foi aperfeiçoada. A Teoria Heckscher-Ohlin focalizava a diferença da dotação relativa de fatores e os preços respectivos entre as nações, como sendo a causa mais importante do comércio.

De acordo com esta teoria, a nação deve exportar aquela mercadoria em cuja produção é utilizado um fator relativamente abundante e barato e, importar aquela que utiliza uma grande quantidade de fator relativamente escasso e caro. Esta teoria também defende que o comércio conduzirá à eliminação ou redução na diferença dos preços dos fatores entre as nações (COSTA, 1999).

Portanto, a Teoria Heckscher-Ohlin, faz a uma discussão mais elaborada dos fundamentos do conceito de vantagem comparativa e dos ganhos com o comércio estabelecido pelas nações. Afirmando que numa situação de livre comércio, os países tendem a se especializar naqueles bens em que possuem vantagens comparativas, proporcionando ganhos de bem-estar para todos (SILVA, 2006). No modelo de Heckscher-Ohlin, o país exportará o produto que usa de forma intensiva o fator que é relativamente abundante.

As limitações do modelo Heckscher-Ohlin foram superadas no final dos anos 70, pela "Nova Teoria do Comércio Internacional," que tem como fundamento a "Teoria da Organização Industrial" e caracteriza-se pelas hipóteses de mercados de competição imperfeita e retornos crescentes de escala (CAVALCANTI, 1997).

Dentre os representantes dessa nova teoria, destacam-se autores como: Krugman (1779), Lancaster (1980), Helpman (1981), Ethier (1982), Thorstensen et al. (1994), os quais afirmam que:

> a existência do comércio é explicada por vantagens em economia de escala e não por vantagens nas diferenças das dotações de fatores. Assim, o país especializar-se-á na produção daqueles bens nos quais consegue obter custos decrescentes de escala, proporcionando, assim, capacidade para o país competir no comércio internacional (SILVA, 2006, p. 40).

Este estudo se baseia na Teoria desenvolvida por Bela Balassa (1965), que criou o conceito de Vantagem Comparativa Revelada (VCR), e propôs o método VCR como alternativa para identificação de setores nos quais um país possui vantagem comparativa na produção e por sua vez na exportação.

A Vantagem Comparativa é considerada como revelada porque sua quantificação é baseada em dados depois de realizado o comércio (FIGUEIREDO e SANTOS, 2005).

A definição feita por Ballasa (1965) foi considerada compatível com as hipóteses clássicas da teoria do comércio internacional, pois adotou-se a suposição de que as diferentes dotações de fatores resultariam em uma estrutura padronizada de exportações. No entanto, o uso deste indicador apresenta limitação a análise dos resultados por considerar somente as

exportações sem fazer nenhuma referência as importações. Segundo Lafay (1990) apud Xavier (2000), os fluxos de exportações também são condicionados pela estrutura de promoções das exportações (subsídios fiscais e/ou financeiros) resultam em vieses diferenciados entre os países que se baseiam apenas em tais fluxos.

Visando corrigir esta limitação, o Centro de Estudos Prospectivos em Informações Internacionais (CEPII - França) desenvolveu, durante a década de oitenta, um indicador de vantagens comparativas denominado "Contribuição ao Saldo" (CS) que considera tanto os dados de exportação como os dados de importação dos países.

2.2. Aspectos conceituais sobre indicadores de competitividade

Para o Instituto de Economia da UNICAP IE/UNICAMP (1993), existem diversos autores que trabalharam na construção de indicadores de desempenho, porém o mais influente foi Bela Balassa[2], suas propostas foram absorvidas por um número considerável de autores e instituições. Este autor foi responsável pelo conceito de Vantagem Comparativa Revelada no ano de 1965, ao ter conhecimento sobre a dificuldade de quantificar os fatores responsáveis pelas vantagens comparativas dos países, dentre os quais custos relativos.

Silva e Batalha (1999), afirmam que, na literatura científica especializada, o termo competitividade encontra vários significados, cada uma apresentando suas especificidades. Esses autores delimitam o conceito de competitividade em duas vertentes:

A primeira analisa a competitividade como um *desempenho* de uma empresa ou produto. Aqui os resultados analisados decompõem-se na determinação de uma competitividade revelada. O indicador de competitividade revelada nesta visão está relacionado com a participação de um produto ou empresa em um mercado específico (*market share*).

Para a segunda vertente, o conceito de competitividade é melhor entendido pelo lado da *eficiência* que procura medir o potencial de competitividade de um setor ou empresa. Sob essa ótica o potencial competitivo seria realizado através de identificação e estudo das opções estratégicas adotadas pelos agentes econômicos, dadas as suas restrições gerenciais, financeiras, tecnológicas e organizacionais. Assim, haveria uma relação causal entre a conduta estratégica da firma e o seu desempenho eficiente. O alicerce deste argumento está pautado na organização industrial.

Com base nessa classificação Silva e Batalha (1999) *apud* Silva (2006, p. 43) definem a competitividade como 'a capacidade de um dado sistema produtivo obter rentabilidade e manter participação de mercado nos âmbitos interno e externo (mercado internacional), de maneira sustentada'. Adicionalmente espera-se que a uma determinada região apresente vantagem comparativa em determinado sistema produtivo quando a contribuição deste para ao saldo comercial seja positivo.

A Teoria do Comércio Internacional descrita acima será adotada como referencial teórico para fundamentação deste estudo. A utilização desse modelo torna-se relevante por

[2]Balassa, B. Trade liberalization and "revealed" comparative advantage. The Manchester Schoo of Economics na Social Studies, n. 33, May 1965.

permitir acompanhar a evolução do comércio externo de produtos oriundos da fruticultura ao longo dos anos. A seguir serão apresentados os aspectos metodológicos.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho analisa o comportamento das exportações conforme os indicadores de *market share*, de vantagem comparativa e de Contribuição ao Saldo, cuja metodologia será descrita a seguir:

3.1. Indicador de *market share*

O indicador de "*market share"* (MS) pose ser calculado da seguinte forma:

MS = $(X_{ik}/X_k)*100$

onde:

X_{ik} representam as exportações do produto "k" pela região "i";

X_k são as exportações nacionais do produtol "k".

3.2 Indicador de Vantagem Comparativa Revelada(VCR)

Este indicador mostra a participação das exportações de um dado produto de um estado/país em relação às exportações nacionais/mundiais desse mesmo produto e permite comparar a participação relativa das exportações de um produto de diversas regiões/países (SILVA, 2006).

Portanto, o indicador de vantagem comparativa revelada – VCR de um produto para uma região pode ser interpretado como a razão entre o peso das exportações do produto *i* em questão nas exportações totais da região *j*, considerando o seu peso nas exportações totais da região de referência *k* (SILVA, 2006).

$$VCR_{ij} = (X_{ij} / X_{ik}) / (X_j / X_k)$$

Onde:

$VCR_{ij} \rightarrow$ Vantagem comparativa revelada do produto *i* da região *j*

$X_{ij} \rightarrow$ é o valor das exportações do produto *i* da região ou país *j*

$X_j \rightarrow$ é o valor das exportações do produto i do país ou zona de referência *k*

$Xi_k \rightarrow$ é o valor total das exportações da região ou país j.

$X_k \rightarrow$ é o valor total das exportações do país ou zona de referência *k*.

Quando $VCR_{ij} > 1$, conclui-se que o produto *i* apresenta vantagem comparativa revelada se $VCR_{ij} < 1$, então o produto *i* apresenta desvantagem comparativa revelada. Obtendo-se $VCR_{ij} = 1$, a região *j* não terá vantagem nem desvantagem na produção do produto, nesse caso a produção local supre as necessidades internas de consumo, afirma-se que não existe excedente para ser exportado.

O emprego do índice de VCR fornece um indicador da estrutura relativa das exportações de uma região ou país. Quando uma região exporta um volume grande de um determinado produto, em relação com o que é exportado pelo país desse mesmo produto, isso sugere que a região conte com vantagem comparativa na produção desse bem.

3.3 Contribuição ao Saldo (CS)

O indicador de contribuição ao Saldo (CS) é calculado pela seguinte fórmula:

$CS = 1000 / PIBi\ (S1 - S2)$,

sendo:

$S1 = 100 \cdot (X_k - M_k)/[(X_i + M_i)/2]$; e

$S2 = 100 \cdot (X_i - Mi)/[(X_i + M_i)/2] \cdot [(X_k + M_k)/(X_i + M_i)]$ onde:

Xk e *Mk* são respectivamente as exportações e importações do produto "k efetuadas pela região "i";

Xi e *Mi* são respectivamente as exportações e importações totais da região "i".

Sendo assim, uma região apresentará vantagens comparativas em determinado produto quando o indicador CS for positivo (CS>0). Caso contrário, seu resultado apresentará um valor negativo.

Conforme Lafay (1990) apud Xavier (2000), uma característica positiva do indicador CS consiste na ponderação do índice pelo PIB de cada país, visando minimizar a influência do comércio intra-industrial (denominado de "fluxos minoritários") nos saldos comerciais. Adicionalmente, a grande vantagem de um indicador desse tipo é que ele não é afetado por variações nas taxas reais de câmbio e/ou juros, sendo independente da conjuntura macroeconômica e podendo ser utilizado intertemporalmente na comparação dos diferentes *padrões de especialização* dos países.

Espera-se que os produtos que exportam mais seja aqueles que mais contribuem para o saldo e também tenham maiores vantagens comparativas. Caso contrário, produtos que mais exportam, mas que apresentam baixa ou negativa contribuição ao saldo comercial, mesmo com elevadas vantagens comparativas, estão em uma situação vulnerável. A seguir as situações são sintetizadas:

- Situação de retrocesso, produto no qual a taxa de crescimento do Rio Grande do Norte é menor que a taxa de crescimento do Brasil seguida de uma redução no *market-share* do Rio Grande do Norte nestes setores, e VCR decrescente.
- Situação de declínio, taxa de crescimento dos produtos no Rio Grande do Norte é menor que a taxa de crescimento dos produtos no Brasil, seguida de uma redução no *market-share* nestes produtos e VCR crescente.
- Situação ótima, a taxa de crescimento para estes produtos é maior que a taxa de crescimento para o Brasil seguida de aumento do *market-share* das exportações norte riograndenses para estes produtos, e VCR crescente.
- Situação de oportunidade perdida, representa produtos nos quais a taxa de crescimento do Rio Grande do Norte é menor que a taxa de crescimento do Brasil, no entanto o *market-share* deste produtos nas exportações do Rio Grande do Norte está decrescendo, e VCR são crescentes.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dentre os produtos destinados a esse comércio foram selecionados para fazer parte deste estudo: melão, manga, mamão, banana e melancia, ou seja, produtos oriundos da fruticultura irrigada. Essas frutas têm ocupado lugar de destaque na balança comercial do Rio Grande do Norte, por estarem entre os principais produtos da pauta de exportação, a maioria deles desde o início da década de 1990 e, além disso, estão também entre os principais produtos da fruticultura tropical do Brasil

No período de 1999 a 2005 a quantidade exportada de melão pelo Brasil apresentou uma taxa de crescimento de 174,5%, a banana obteve uma taxa de crescimento de 161,2%, as exportações de mamão ao longo desse período cresceu 146,7% e melancia obteve um crescimento em sua quantidade exportada de 71,4%. Não se calculou a taxa de crescimento das exportações de manga uma vez que não existem dados para todo o período em análise. Portanto, observa-se que das frutas em análise o melão, seguido da banana e mamão foram as frutas que obtiveram taxas de crescimento mais elevadas. Como será visto a seguir, o Rio Grande do Norte contribui de forma significativa para o crescimento da quantidade exportada pelo Brasil dessas frutas.

A maior parcela das exportações de melão, banana, mamão, manga e melancia produzidos no Rio Grande do Norte e no Brasil é destinada aos mercados dos Estados Unidos e principalmente da União Européia, em especial, dos países baixos. O estado responde por uma parcela significativa das exportações brasileiras de melão, banana, mamão e melancia.

Com base no indicador de vantagem comparativa revelada cujos resultados encontram-se apresentados nas tabela abaixo, pode-se afirmar que o Rio Grande do Norte apresenta vantagem comparativa nas exportações de melão em relação ao Brasil, ao longo de 1999 à 2005, pois para essa fruta o VCRij varia entre 1,97 e 3,59. Em 2005, o estado apresentou o menor VCRij, ou seja, 1,97, esse baixo desempenho foi conseqüência dos problemas enfrentados pelos produtores de melão do estado decorrentes principalmente da ocorrência de pragas e de dificuldades em escoar o produto para o mercado externo.

No que diz respeito a banana, em 1999, o estado não apresentou vantagem comparativa em relação ao Brasil nas exportações, mas a partir de 2000, o Rio Grande do Norte passa a apresentar vantagem comparativa na exportação dessa fruta em relação ao Brasil, apresentando um VCRij no período 2000 à 2005 superior a 1, variando entre 1,36 e 2,09. Destaca-se que a partir de 2000, observou-se a implantação de uma grande empresa exportadora dessa fruta no vale do Açu e também o fortalecimento do Perímetro Irrigado do Baixo Açu, região que se consolidou com maior produtora de banana do estado, supõe-se que tais elementos explicam as vantagem comparativa do Rio Grande do Norte em relação ao país no decorrer desse período.

Com relação ao mamão e a manga o Rio Grande do Norte não apresentou vantagem comparativa em relação ao Brasil, ao longo do período analisado, pois se observa VCRij inferior a 1. Destaca-se que a cultura do mamão ainda é bastante incipiente no estado, tendo apresentado resultados mais significativos a partir de 2003, quando alguns produtores e

empresas agroindustriais que se dedicavam tradicionalmente ao melão iniciaram um processo de diversificação da produção e coincide com o período de atuação efetiva de uma grande empresa exportadora dessa fruta no estado.

O Rio Grande do Norte também apresenta vantagem comparativa significativa no que diz respeito a melancia, o que pode ser comprovado através do VCRij que ao entre 1999 e 2005 apresentou valores maior que 1. O VCRij para melancia variou entre 1,25 e 2,37. Deve-se ressaltar que nos últimos anos alguns produtores têm substituído o melão pela melancia por ser uma cultura que apresenta menor custo e maior facilidade de comercialização.

Relacionando o indicador de vantagem comparativa com a taxa de crescimento e o *market-share* pode-se caracterizar algumas situações. Os resultados são expressos abaixo:

Tabela 1- Melão – taxa de crescimento, *market-share*, VCR e CS
Rio Grande do Norte (RN) e Brasil (BR)

	Melão				
Ano	***Taxa de crescimento RN***	***Taxa de crescimento BR***	***Market-share***	***VCR***	***CS***
1999			83,59	3,59	0,0045
2000	-8,22	93,05	82,45	3,84	0,0022
2001	28,40	163,26	64,85	2,35	0,0027
2002	-5,27	99,25	61,89	2,14	0,0023
2003	62,62	151,74	66,33	2,04	0,0026
2004	1,18	95,21	70,49	2,58	0,0009
2005	9,57	126,12	61,23	1,97	0,0012

Fonte: Elaborada a partir dos dados SECEX/MDIC**.**

- **Melão**: taxa de crescimento do Rio Gande do Norte menor que a taxa de crescimento do Brasil e vantagem comparativa decrescente, significa uma situação de oportunidade perdida. Já que as exportações nacionais cresceram no período, deduz-se que outro estado tenha aumentado sua participação no mercado das exportações deste produto. No entanto podemos constatar que apesar do *market-share* ter decrescido no período , o Estado em 2005 mantém-se como principal exportador deste produto no Brasil, com um *market-share* de 61,23%.

Tabela 2- Banana – taxa de crescimento, *market-share*, VCR e CS
Rio Grande do Norte (RN) e Brasil (BR)

	Banana				

Ano	*Taxa de crescimento RN*	*Taxa de crescimento BR*	*Market-share*	*VCR*	*CS*
1999			12,19	0,87	0,0005
2000	126,42	-11,59	31,22	2,09	0,0006
2001	26,36	46,37	26,95	1,47	0,0007
2002	94,41	129,32	22,85	1,36	0,0013
2003	4,72	-8,41	26,12	1,49	0,0010
2004	-4,92	-14,80	29,16	1,97	0,0003
2005	21,59	12,81	31,43	1,91	0,0004

Fonte: Elaborada a partir dos dados SECEX/MDIC.

- **Banana** taxa de crescimento do Rio Grande do Norte maior que a do Brasil, Vantagem Comparativa e *market-share* crescente. Indica uma situação de vulnerabilidade, na medida em que a demanda mundial pelo produto está caindo e as exportações do Rio Grande do norte estão crescendo.

Tabela 3- Mamão – taxa de crescimento, *market-share*, VCR e CS
Rio Grande do Norte (RN) e Brasil (BR)

	Mamão				
Ano	*Taxa de crescimento RN*	*Taxa de crescimento BR*	*Market-share*	*VCR*	*CS*
1999			0,04	0,01	0,0000
2000	22,02	36,92	0,70	0,02	0,0000
2001	1,95	6,02	1,94	0,06	0,0000
2002	3,91	25,16	7,59	0,27	0,0002
2003	2,25	38,37	17,83	0,61	0,0004
2004	-0,14	-9,02	16,91	0,62	0,0001
2005	-0,05	7,87	14,84	0,46	0,0001

Fonte: Elaborada a partir dos dados SECEX/MDIC.

- **Mamão**: taxa de crescimento do Rio Grande do Norte menor que a taxa de crescimento do Brasil, no entando o *market-share* e vantagem comparativa são crescentes até 2004 e decrescente em 2005. Enquanto as exportações nacionais estão crescendo o estado apresenta taxa de crescimento negativa.Vale destacar que no ano de 2004 ambos teem queda na taxa de crescimento, sendo que o Rio Grande do Norte sofre menos impacto que o Brasil. Indica uma situação de retrocesso pois o Rio Grande do Norte tem o *market-share* reduzido após um período de taxas crescentes, acompanhado também de queda na vantagem comparativa.

Tabela 4- Manga – taxa de crescimento, *market-share*, VCR e CS
Rio Grande do Norte (RN) e Brasil (BR)

	Manga				
Ano	***Taxa de crescimento RN***	***Taxa de crescimento BR***	***Market-share***	***VCR***	***CS***
1999					0,0000
2000					0,0000
2001					0,0000
2002					0,0000
2003			1,03	0,02	0,0000
2004	6.830,86	2066,05	3,31	0,10	0,0000
2005	29,72	8,82	3,95	0,10	0,0000

Fonte: Elaborada a partir dos dados SECEX/MDIC.

- **Manga**: taxa de crescimento maior que a do brasil *market-shere* crescente e VC reduzida. Não há informações suficientes para todo o período no entanto os dados disponíveis indicam uma situação favorável para o RN pois apesar da baixa VCR o estado tem conseguido aumentar as exportações deste produto e mesmo que timidamente aumentado o seu *market-share*.

Tabela 5- Melancia – taxa de crescimento, *market-share*, VCR e CS Rio Grande do Norte (RN) e Brasil (BR)

	Melancia				
Ano	***Taxa de crescimento RN***	***Taxa de crescimento BR***	***Market-share***	***VCR***	***CS***
1999			15,25	1,25	0,0001
2000	72,89	3,49	25,48	1,87	0,0001
2001	-8,44	0,68	23,18	1,3	0,0001
2002	51,90	-10,56	39,36	1,6	0,0001
2003	57,88	33,58	46,52	1,71	0,0001
2004	18,57	-1,35	55,92	2,37	0,0001
2005	43,59	39,57	57,53	1,98	0,0001

Fonte: Elaborada a partir dos dados SECEX/MDIC**.**

- **Melancia:** taxa de crescimento do Rio Grande do Norte maior que a taxa de crescimento do Brasil , vantagem comparativa crescente e *market-share* crescente , situação de ótima pois os dados indicam que apesar da taxa de crescimento do Brasil ter decrescido em alguns anos houve uma recuparação em 2005 e o Rio Grande do norte conseguiu elevar a sua participação nas exportações deste produto.

Conforme já explicitado na metodologia, a CS leva em consideração o fluxo de exportações e importações, revelando se os produtos que tem vantagem (CS>0) ou desvantagem comparativa (CS<0). Procura-se avaliar se uma inserção competitiva do estado no mercado

mundial de determinados produtos implica em maior capacidade do país de gerar saldos comerciais persistentes. Desta forma, procura-se determinar se os produtos que apresentam vantagem comparativa maiores são também os que têm maior capacidade de gerar saldos comerciais positivos.

A observação dos dados é coerente com o esperado, pois o produto que mais exporta, o melão, é também o que tem maior vantagem comparativa e simultaneamente o que tem maior contribuição ao saldo, seguido da banana. Apesar da melancia ter um elevado *market-share*, sua contribuição ao saldo é reduzida.

Deve-se observar que um resultado de vulnerabilidade ou declínio, não significa necessariamente uma situação desfavorável para o estado, pois esta pode ser resultante de fatores temporários e de curso prazo. Bem como situações de retrocesso e de oportunidades perdidas em alguns produtos, pode significar aumento em outros produtos em situação ótima. A observação do comportamento do melão e melancia sugere esta última situação, pois como já foi mencionado alguns produtores tem substituido o cultivo do melão pelo da melancia, e, conforme os dados apresentam houve queda na participação do melão nas exportações nacional enquanto a participação da melancia aumentou.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar a competitividade das exportações de produtos oriundos da fruticultura irrigada (especificamente, melão, banana, mamão, manga e melancia) do Rio Grande do Norte em relação ao Brasil durante o período de 1999-2005.

Verificou-se que o estado apresenta vantagem comparativa na exportação de melão, melancia e banana em relação ao Brasil no período em estudo. Relacionando o resultado com a Contribuição ao Saldo, observa-se que o melão é a fruta irrigada que o Rio Grande do Norte mais exporta, e é também a que tem maior vantagem comparativa e maior contribuição ao saldo, seguida da banana. Foi observado situações de oportunidade perdida para o melão, vulnerabilidade para a banana e mamão, e situação ótima para a melancia. Quanto a manga, os dados são insuficientes para uma definição precisa, no entanto aponta para uma situação favorável. Situações de vulnerabilidade e oportunidades perdida não significam necessariamente um resultado negativo, pois a situação pode ser temporária, resultante de seca ou condições climáticas, por exemplo, ou significar aumento na participação em algum produto em situação ótima. Isto pode ser observando no comportamento de queda no *market-share* do melão ao passo que houve um aumento na quota de participação da melancia.

Dentre os produtos da fruticultura irrigada selecionados para análise no presente estudo, verificou-se que o Rio Grande do Norte apresenta vantagem competitiva na exportação de melão, melancia e banana em relação ao Brasil no período em estudo.

6. REFERÊNCIAS

BANCO DO NORDESTE. Documento referencial do Pólo de Desenvolvimento Integrado Assu/Mossoró – Rio Grande do Norte**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2000**

CAVALCANTI, Maria F. de H. **Integração econômica e localização sob concorrência imperfeita**. Porto Alegre: BNDES, 1997.

COEX. **Setor frutícola.** Disponível em: < www.coex.com.br.> Acesso em: 29 de março de 2007.

COSTA, G. C. (coord**.) A fruticultura irrigada em áreas de assentamento nos municípios de Baraúna e Mossoró – RN:** análise do processo de integração com a agroindústria. Mossoró: UERN, 2006(projeto de pesquisa, mimeo).

FIGUEIREDO, Adilson Martins; SANTOS, Maurinho Luz dos. Evolução das vantagens comparativas do Brasil no comércio mundial de soja. **Revista de Política Agrícola**, ano 14, n. 1, jan. / mar. 2005.

KRUGMAN, P.R.; OBSTFEELD, M. **Economia internacional:** teoria e política. 5. ed. São Paulo: Pearson do Brasil, 2004.

MORAIS, Daniela Gabriel de. **Exportação de melão no município de Mossoró: o caso Intermelon LTDA (2000-2005).** Monografia apresentada do Curso de Ciências Econômicas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, 2006.

SECEX/MDIC. Disponível em: <www.mdic.gov.br> Acesso em: 20/06/2006.

SILVA, E. A. C**ompetitividade das exportações de plantas vivas e produtos de floricultura do ceará e do brasil no período de 1998 A 2004.** Fortaleza: UFC – Programa de Mestrado em Economia Rural. Dissertação de mestrado, 2006.

SILVA, Carlos Arthur B. da; BATALHA, Mário Otávio. **WORKSHOP BRASILEIRO DE GESTÃO DE SISTEMA AGROALIMENTARES,2**. Ribeirão Preto: PENSA/FEA/USP, 1999.

SALVATORE, Dominick. **Economia internacional**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1998. (Coleção Schaum).

THORSTENSEN, V. et. Al**. O Brasil frente a um mundo dividido em blocos**. São Paulo: Nobel. Instituto Sul – Norte de Política Econômica e Relações internacionais, 1994**.**

UNICAMP. **Estudo da competitividade da indústria brasileira**. Sistema de indicadores da competitividade. Campinas,SP, 1993. 198 p. (nota técnica).

XAVIER, L. C**.. Padrões de Especialização e Competitividade no Exterior Brasileiro**. Campinas, UNICAMP, 2000. (Tese de Doutorado)